



GALERIA LADO B: UM ANO DE HISTÓRIA ENTRE A CRIAÇÃO E SEUS DESDOBRAMENTOS

Noeli Moreira¹

LADO B GALLERY: ONE YEAR OF HISTORY FROM CREATION TO ITS OUTCOMES

GALERÍA LADO B: UN AÑO DE HISTORIA ENTRE SU CREACIÓN Y SUS REPERCUSIONES

1 Doutoranda em Artes Visuais (PPGAV/UDESC). Mestra em Artes Visuais (PPGAV/UDESC). Docente do Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC) – Campus de São Miguel do Oeste. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4058268925590456>. ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-0555-6888>. E-mail: ervadocedejulho@gmail.com

RESUMO

Este artigo apresenta um relato de experiência sobre a criação, organização e manutenção da Galeria Lado B, espaço expositivo de artes visuais do Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC), campus de São Miguel do Oeste, em seu primeiro ano de funcionamento (2023/2024). A iniciativa surgiu diante da escassez regional de espaços permanentes para exposições de artes plásticas e visuais, o que restringe o acesso da comunidade e reduz oportunidades formativas. O objetivo é analisar as estratégias administrativas e curatoriais adotadas e discutir seus impactos na democratização do acesso às artes visuais no contexto educacional. A metodologia combina relato de experiência, estudo de caso e análise de registros documentais e fotográficos, contemplando dados quantitativos e qualitativos. Entre os resultados, destacam-se sete exposições, a participação voluntária de 22 artistas, 3.337 visitantes, 42 visitas mediadas e 30 ações educativas, fortalecendo vínculos entre instituições, artistas e comunidade. Conclui-se que, apesar de desafios como limitações de transporte e sobrecarga de funções, a Galeria Lado B consolidou-se como espaço relevante para a valorização da arte local e regional, para a formação cultural e para reflexões sobre práticas curatoriais educativas.

Palavras-chave: galeria de arte escolar. espaços expositivos escolares. ensino de Artes Visuais.

ABSTRACT

This article presents an experience report on the creation, organization, and maintenance of the Galeria Lado B, a visual arts exhibition space at the Federal Institute of Santa Catarina (IFSC), São Miguel do Oeste campus, during its first year of operation (2023/2024). The initiative emerged in response to the regional scarcity of permanent spaces for visual and fine arts exhibitions, which restricts community access and reduces educational opportunities. The aim is to analyze the administrative and curatorial strategies adopted and to discuss their impact on democratizing access to the visual arts within an academic context. The methodology combines an experience report, case study, and analysis of documentary and photographic records, encompassing both quantitative and qualitative data. Among the highlights, results include seven exhibitions, the voluntary participation of 22 artists, 3,337 visitors, 42 guided tours, and 30 educational activities, all of which strengthen ties between the institution, artists, and the community. It is concluded that, despite challenges such as transportation limitations and workload demands, the Galeria Lado B has established itself as a relevant space for valuing local and regional art, for cultural formation, and for reflections on educational curatorial practices.

Keywords: school art gallery. school exhibition spaces. Visual Arts education

RESUMEN

Este artículo presenta un relato de experiencia sobre la creación, organización y mantenimiento de la *Galería Lado B*, espacio expositivo de artes visuales del Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC), campus São Miguel do Oeste, durante su primer año de funcionamiento (2023/2024). La iniciativa surgió ante la escasez regional de espacios permanentes para exposiciones de artes plásticas y visuales, lo que restringe el acceso de la comunidad y reduce las oportunidades formativas. El objetivo es analizar las estrategias administrativas y curatoriales adoptadas y discutir sus impactos en la democratización del acceso a las artes visuales en el contexto educativo. La metodología combina relato de experiencia, estudio de caso y análisis de registros documentales y fotográficos, contemplando datos cuantitativos y cualitativos. Entre los resultados, se destacan siete exposiciones, la participación voluntaria de 22 artistas, 3.337 visitantes, 42 visitas mediadas y 30 acciones educativas, lo que fortaleció los vínculos entre la institución, los artistas y la comunidad. Se concluye que, a pesar de desafíos como las limitaciones de transporte y la sobrecarga de funciones, la *Galería Lado B* se consolidó como un espacio relevante para la valorización del arte local y regional, para la formación cultural y para reflexiones sobre prácticas curatoriales educativas.

Palabras clave: galería de arte escolar. espacios expositivos escolares. enseñanza de Artes Visuales

INTRODUÇÃO

O presente texto parte da descrição do processo de implementação de uma galeria alternativa no espaço educacional do Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC), Campus São Miguel do Oeste, com o objetivo de contribuir para o debate sobre a curadoria educativa em contextos contemporâneos periféricos. Nosso percurso metodológico baseou-se em um relato de experiência estruturado como estudo de caso, com análise de registros documentais, fotográficos e pedagógicos. A pesquisa combina abordagens qualitativas e quantitativas (Minayo, 2001), articulando a descrição de dados numéricos (como o número de exposições, visitantes e ações educativas) e a análise interpretativa sobre as práticas curatoriais e educativas da Galeria Lado B em seu primeiro ano de funcionamento. Nesse sentido, discutimos as relações entre os ofícios docente e artístico na formação de professores, bem como as implicações contemporâneas que perpassam as esferas política e social, institucional e informal. Destacamos, ainda, a relevância de uma galeria de arte no ambiente escolar como espaço de aprendizagem para o ensino de arte.

No cotidiano docente, deparamo-nos com desafios que envolvem tanto dificuldades quanto acertos e, por isso, a busca por referências para o ensino da arte é constante. A criação da Galeria Lado B sustenta-se em conceitos e debates fundamentais da arte-educação e da curadoria educativa. Autores como Ana Mae Barbosa (1998, 2012) destacam a importância da tríade contextualização-fruição-produção na mediação artística, enquanto Saviani (2009) aponta para a necessidade de políticas educativas que integrem cultura e aprendizagem. Além disso, Costa (2013) discute o papel da curadoria educativa como espaço de experimentação e reflexão crítica, capaz de articular prática artística, formação docente e engajamento comunitário. Esses referenciais teóricos fundamentam tanto a proposta de criação da galeria quanto servem como bases reflexivas para o presente artigo.

Há muito tempo pensávamos sobre os espaços expositivos das artes plásticas e visuais do município, pois, entre as demandas corriqueiras do ensino da arte nas escolas, um interesse comum aos professores é oportunizar aos alunos a contemplação do objeto artístico, seja ele o desenho, a pintura, a escultura ou a instalação artística, entre outros. Na atualidade, mesmo com os recursos tecnológicos disponíveis em sala de aula — muitas vezes de baixa qualidade —, não é suficiente nem eficiente limitar os alunos apenas ao olhar voltado para as telas, sejam elas de celulares ou de projetores. Estar presente, de frente para a obra de arte, é uma experiência distinta, que provoca os sentidos e desperta inúmeras reflexões.

A arte revela a capacidade natural do ser humano de produzir e contar sua própria história, transmitir aprendizado, perpetuar costumes e compartilhar saberes. A representação do mundo e das realidades da vida é essencial ao trabalho artístico, exigindo percepção, contemplação, conhecimento, contextualização, prática e criação. Ao longo da história, artistas nos convidam à reflexão e à ação, criando novas formas de expressão e interpretação sobre arte, cultura e, conseqüentemente, educação.

Viabilizar espaços para a formação artística é fundamental, pois colabora para o desenvolvimento da imaginação e da criação. Com o acesso a uma galeria, em que cultura e produção fazem parte do aprendizado, o sujeito passa a reunir informações relevantes para refletir sobre a própria vida, comunicar-se e, até mesmo, resolver problemas cotidianos. Nossa visão de mundo é alterada e pode ser reinventada por meio da arte, resultando em novas formas de olhar e agir.

Assim, o principal objetivo ao criar uma galeria de arte em um contexto escolar é ampliar o contato das pessoas da região — alunos, servidores e comunidade externa — com a produção artístico-cultural nas artes visuais, valorizando artistas locais, regionais e estaduais, bem como expandir as possibilidades de ensino das artes para professores da região.

No município de São Miguel do Oeste, há apenas um museu histórico que, a despeito de vários fatores, deixa a desejar como espaço contemporâneo ou de reflexão sobre a história e a arte. Em meio a um acúmulo desordenado de objetos, não é possível compreender a história nem contemplar a beleza das peças expostas. O museu não atende, de maneira razoável, ao que se espera de um espaço histórico. Poucas exposições de arte são organizadas no município, quase todas realizadas na praça central, em um único dia, no formato de feira livre, algumas vezes em conjunto com a associação dos artesãos e com a Associação de Arte e Cultura de São Miguel do Oeste (ACASMO). O Serviço Social do Comércio (SESC) realizou algumas exposições, tanto de artistas locais quanto estaduais, mas a última exposição de artes plásticas e visuais promovida pela instituição ocorreu em 2019. Além disso, na região do extremo oeste catarinense, entre os municípios que compõem a Associação dos Municípios do Extremo Oeste de Santa Catarina (AMEOSC)², não existem lugares de exposições permanentes ou rotativas para as artes plásticas e visuais. Essa carência compromete a formação cultural e a disseminação artística, limitando o acesso da população à produção artística.

Foi nesse contexto que, em 2022, inspirados pelo Espaço Estético do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFS-C)³, surgiu a ideia de implementar um espaço expositivo permanente, com rotatividade de exposições. Para viabilizar essa proposta, seguimos os trâmites legais e cumprimos as normas relativas à alteração dos espaços físicos do campus.

Este artigo parte da hipótese de que a análise da experiência da Galeria Lado B pode revelar como as práticas de curadoria educativa em contextos escolares periféricos influenciam o ensino da arte, o engaja-

2 <https://ameosc.org.br>

3 Fabíola Cirimbelli Búrigo Costa, O olho que se faz olhar: espaço estético no contexto escolar. 1ª. ed. Florianópolis: Núcleo de Publicações - NUP - CED /UFSC, 2013. 327p

mento de professores e alunos e o acesso da comunidade à produção artística, oferecendo subsídios para discussões sobre curadoria educativa, mediação artística e políticas culturais em regiões afastadas de centros culturais tradicionais.

Assim, o objetivo deste artigo é relatar nossa experiência de criação, organização e manutenção da Galeria Lado B, com base em registros documentais, fotográficos e pedagógicos referentes ao seu primeiro ano de atividade (2023/2024). Isso envolve desde os processos burocráticos relacionados à liberação de espaço e verbas, à sondagem de artistas, à curadoria das exposições e obras, à seleção de bolsistas, à organização da agenda e das visitas, entre outras demandas correlatas. Pretendemos compreender os processos que tornam o espaço efetivo, bem como identificar desafios e conquistas já alcançados, delineando os próximos passos para o futuro da galeria.

UM ANO DE HISTÓRIA

Ao longo do último ano, vivenciamos a construção de um espaço dedicado à arte e ao encontro da diversidade. A ideia de criar uma galeria surgiu do desejo de proporcionar um ambiente no qual a expressão artística pudesse dialogar com a comunidade, ampliando o acesso à cultura e promovendo novas conexões. Transformar esse projeto em realidade exigiu planejamento, dedicação e, sobretudo, apoio institucional.

Iniciamos a criação da galeria participando do edital interno 001/2022/DAM/IFSC-SMO, do Comitê de Infraestrutura. Encaminhamos, por meio de formulário próprio, a solicitação para a implantação e consequente alteração do espaço físico de um corredor (1º piso) de acesso às salas de laboratório de informática, de estudo de física e de ensino a distância (EAD), conhecido como corredor do bloco B do prédio principal do campus. A aprovação foi oficializada com despacho decisório favorável em 05/05/2023.

Na sequência, participamos do edital de financiamento interno do Departamento de Extensão do IFSC, o Didascálico-2023 PROEX/21, que viabilizou a implantação da galeria por meio dos recursos obtidos. Foram confeccionados quatro painéis e três ilhas de madeira para acomodar as produções artísticas de cada exposição, além da aquisição de luminárias específicas, do tipo spot de LED direcionável e articulado, que substituíram as luminárias tradicionais do corredor. Também foram disponibilizados dois bancos ao longo da galeria, a fim de que os visitantes pudessem se acomodar enquanto contemplavam as obras. A inauguração ocorreu em 29 de novembro de 2023, com a exposição *POR ELAS*, que reuniu obras de oito mulheres professoras-artistas da região, integrantes do Coletivo ArtEspaço, coletivo fundado também em 2023.

Ao longo dos 17 dias de exposição, recebemos aproximadamente 700 visitantes. Entre eles, destacamos a presença de grupos do Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), totalizando oito visitas organizadas, além de uma turma do Centro de Educação de Jovens e Adultos (CEJA) e cinco turmas de estudantes das redes estadual e municipal de ensino. Também contamos com a participação de estudantes do campus, ampliando o alcance da iniciativa e fortalecendo o diálogo entre arte e comunidade.

Para dar continuidade às atividades da galeria em 2024, participamos do edital interno de extensão (2024_PROEX 03: Permanente de Arte e Cultura), garantindo um pequeno fomento e a inclusão de bolsistas no projeto. Durante oito meses, estudantes do Ensino Médio Integrado (EMI) do campus atuaram ativamente na manutenção e no desenvolvimento das ações da galeria. As bolsistas foram responsáveis por diversas atividades, incluindo a criação de cartazes de divulgação, a mediação das exposições, o acolhimento dos visitantes e o apoio na organização e divulgação das mostras. Além disso, essa participação agregou conhecimento à formação acadêmica e profissional das estudantes, permitindo uma vivência prática no campo da arte e da cultura.

Desde a inauguração, a galeria tem se consolidado como um espaço dinâmico de encontro e troca entre arte e comunidade. Durante esse período, realizamos sete exposições, cada uma trazendo novas perspectivas e ampliando o diálogo com o público. Contamos com a participação voluntária de 22 artistas, que contribuíram com suas obras e experiências para enriquecer nossa trajetória expositiva.

Além disso, promovemos 42 visitas mediadas e 30 ações educativas, buscando aproximar diferentes públicos do universo artístico. Até o momento, recebemos um total de 3.337 visitantes, todos registrados em livro ata, o que demonstra o impacto e o alcance do projeto. Vale ressaltar que, embora o livro ata esteja disponível em cada exposição, a prática de registrar a visita ainda é inovadora para nosso público. Frequentemente, é necessário convidar os visitantes a assinarem, o que indica que o número real de participantes pode ser superior ao registrado.

Esse envolvimento contínuo reforça a importância da galeria como um espaço de aprendizado, experimentação e valorização da arte local e regional. Todas as exposições realizadas são acompanhadas por momentos de abertura especiais, nos quais os artistas têm a oportunidade de dialogar diretamente com o público. Esses encontros proporcionam um espaço para compartilhar trajetórias, inspirações e processos criativos, tornando a experiência expositiva ainda mais enriquecedora.

A primeira exposição (Fig. 1) realizada na inauguração, intitulada *POR ELAS*⁴, contou com a participação de oito professoras-artistas da região: Adriana Araldi, Aline Bonamigo, Celi Fátima de Pauli, Clarice Giordano, Deise de Luca, Margarete Gasperin, Osmeri Fátima Gonzatti e Tânia Fátima Matiello, residentes nos municípios de Descanso, Guaraciaba e São Miguel do Oeste. As produções foram diversificadas, incluindo pinturas,

4 O nome de cada uma das exposições usa grafias, como o uso de maiúsculos e minúsculos, conforme proposta das respectivas/os autoras/es



FIGURA 1.

Visita mediada por bolsista para uma turma de escola municipal, (08/12/2023) Fonte: Acervo particular, 2023.

fotografias, objetos e instalações artísticas, e permaneceram expostas por 17 dias. Durante a mostra, duas artistas realizaram mediações com o público em dias agendados, além das mediações conduzidas pelas bolsistas e pela coordenadora da galeria.

A segunda exposição (Fig. 2) apresentou esculturas em madeira, intitulada *Totêmicas*, do artista Neuri Jorge Reolon, residente no município de Descanso. A mostra permaneceu aberta por 28 dias. O artista realizou um dia de workshop no qual, além das visitas mediadas, demonstrou ao público como produz suas esculturas.

Em maio de 2024, organizamos a terceira exposição (Fig.3), *CRIA: grafias sobre mães e filhas*, das artistas Kellyn Batistela e Maristela Müller, residentes em Florianópolis. A mostra teve duração de 29 dias e, além das visitas mediadas com diversos grupos, incluiu uma capacitação para professoras de artes do município de São Miguel do Oeste. Nessa ocasião, a artista e professora Maristela Müller esteve presente, dialogando e propondo atividades às participantes.

Dessa ação de capacitação surgiu a quarta exposição, *Uma OVA: exposição colaborativa e portátil*, na qual alguns dos textos expostos, juntamente com objetos e fotografias da artista Maristela Müller, foram produzidos pelas professoras durante a formação (Fig. 4).

A quinta exposição (Fig.5), *Outros lugares: mostra da produção artística dos professores de artes do IFSC*, foi inaugurada em 20/08/2024, durante o Seminário de Ensino, Pesquisa, Extensão e Inovação (SEPEI). Convidamos professores de artes do IFSC que, além de exercerem a docência, desenvolvem pesquisas em processos artísticos nas técnicas de desenho, pintura, gravura, instalação e fotografia. Aceitaram o convite os professores-artistas: Daiana Schvartz (IFSC – São Carlos), Gerson Witte (IFSC – Chapecó), Micheline Barros (IFSC – Canoinhas), Rita Inês Petrykowski Peixe (IFSC – Itajaí) e Sandra Reis (IFSC – São José).



FIGURA 2.

Workshop para estudantes com o artista (12/03/2024)
Fonte: Acervo particular, 2024



FIGURA 3.

Visita mediada com a artista para um grupo de professoras de artes, (22/05/2024) Fonte: Acervo particular, 2024

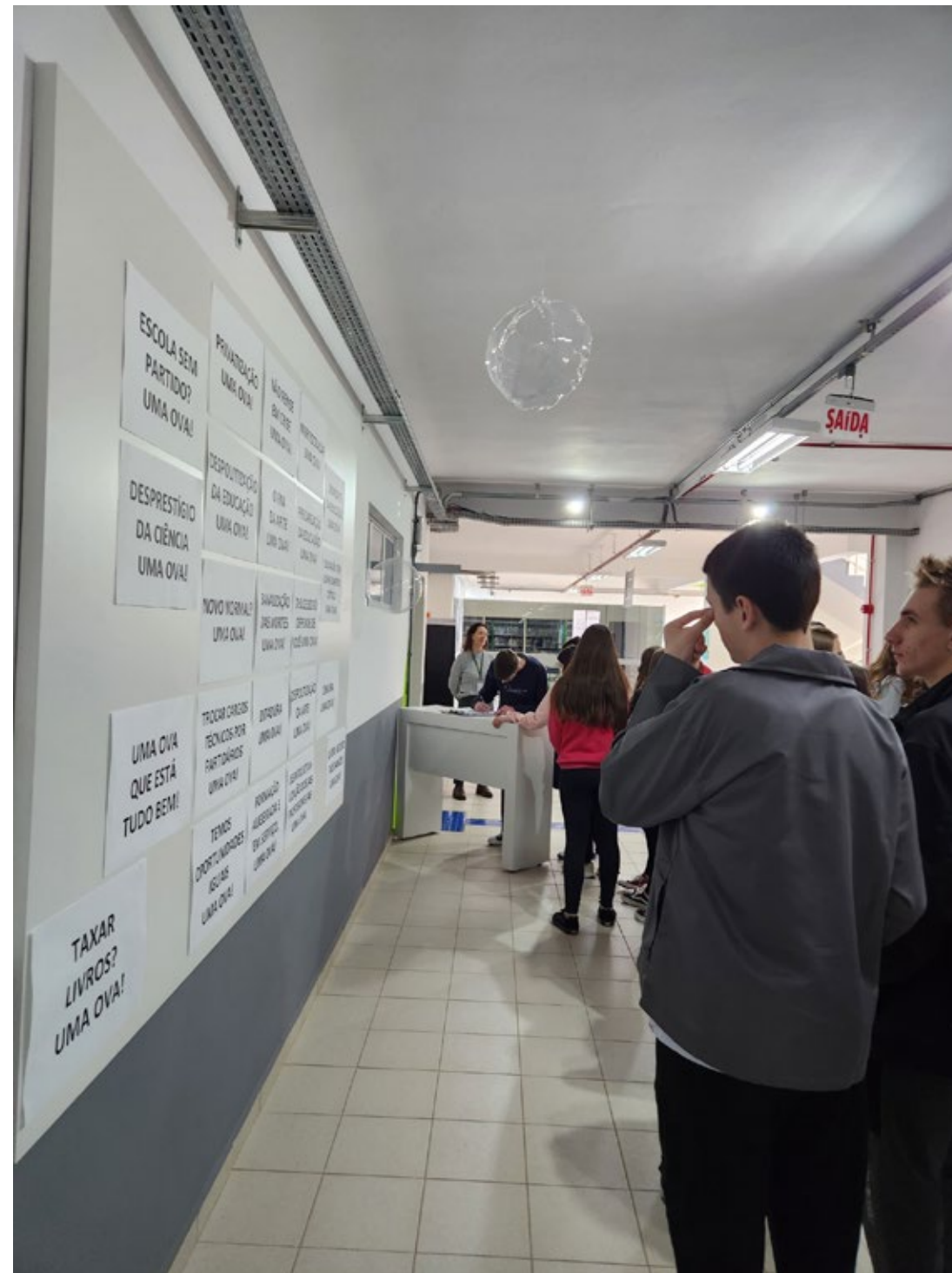


FIGURA 4.

Visita mediada pela coordenadora da galeria, (27/06/2024).
Acervo particular, 2024.



FIGURA 5.

Observação das pinturas do artista Gerson Witte, por crianças de uma escola municipal de SMO, (16/09/2024) . Fonte: Acervo particular, 2024.

A sexta exposição apresentou os artistas locais Ismael Balbinot e Janete Bertocchi, intitulada *Entre traços e cores*, e permaneceu aberta ao público por 22 dias (Fig. 6). As produções artísticas incluíam desenhos, pinturas, esculturas e pintura em porcelana.

A sétima e última exposição do ano, *Metáforas de si*, teve caráter festivo, celebrando o primeiro aniversário da Galeria Lado B (Fig.7). As artistas convidadas foram Ana Anschau, Camila Almeida, Diane Sbardelotto e Sonia Loren, residentes no município de Chapecó, que apresentaram fotografias, desenhos e pinturas. Além da abertura comemorativa, houve distribuição de brindes e sorteio de uma fotografia doada pela artista Sonia Loren.

Ao longo deste primeiro ano de atividades, a Galeria Lado B consolidou-se como um espaço dinâmico de produção, circulação e fruição artística, fortalecendo vínculos entre artistas, estudantes, professores e comunidade. As exposições, visitas mediadas e ações educativas possibilitaram trocas significativas de saberes, incentivaram a reflexão sobre a arte e ampliaram o acesso à cultura local e regional. No entanto, essa trajetória inaugural também evidenciou desafios relacionados à manutenção do espaço, à articulação entre demandas burocráticas e pedagógicas, e à necessidade de estratégias contínuas de engajamento do público. Essas experiências iniciais oferecem importantes aprendizados e abrem caminho para a reflexão crítica sobre as conquistas alcançadas e os obstáculos que ainda precisam ser superados, como veremos a seguir.



FIGURA 6.

Professora da rede estadual com seus alunos em visita mediada, (21/10/2024) Fonte: Acervo particular, 2024.

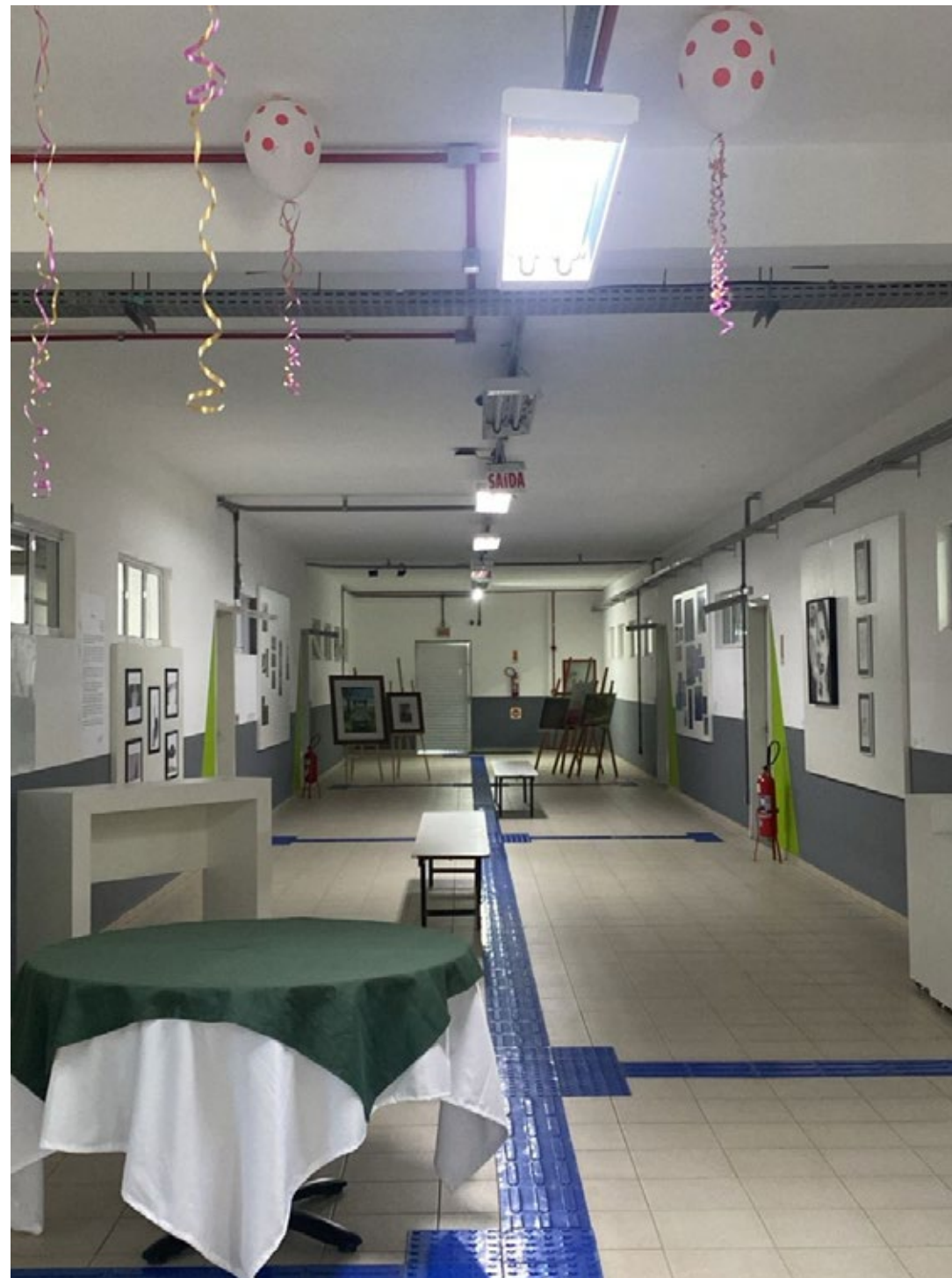


FIGURA 7.

Galeria pronta para a abertura da sétima exposição, (14/11/2024). Fonte: Acervo particular, 2024.

DESAFIOS E CONQUISTAS PARA A EDUCAÇÃO EM ARTES

Entre idealizar uma galeria de artes, operacionalizá-la durante um ano letivo enfrentando entraves técnicos e assumir uma função completamente nova, com mediação diária e curadoria constante, evidenciam-se inúmeros desafios e conquistas. Primeiramente, a maior conquista foi formalizar a criação de uma galeria de arte em moldes alternativos e mantê-la durante um ano, realizando exposições, agendando grupos visitantes e promovendo diversas atividades educativas. Ressalta-se que o espaço institucional passou por alterações significativas, tanto na mudança de sua função inicial — um simples corredor de passagem — quanto no cotidiano de estudantes e servidores do câmpus. Além disso, houve reorganização das funções docentes, exigindo uma reinvenção das práticas dentro da instituição.

Na busca por compreender o trabalho pedagógico envolvido na galeria, recorreremos às reflexões de Maurice Tardif (2014, p. 230):

[...] um professor de profissão não é somente alguém que aplica conhecimentos produzidos por outros, não é somente um agente determinado por mecanismos sociais: é um ator no sentido forte do termo, isto é, um sujeito que assume sua prática a partir dos significados que ele mesmo lhe dá, um sujeito que possui conhecimentos e um saber-fazer provenientes de sua própria atividade e a partir dos quais ele a estrutura e a orienta.

Assumir uma nova função, além das já formalizadas, modifica o ensino das artes no cotidiano docente, tanto para estudantes e servidores do câmpus quanto para a comunidade externa, que vê a instituição federal como um ambiente escolar tradicional. O ensino das artes passa a ter um caráter de práxis intelectual distinto das experiências habituais da docência. A mediação entre a obra e o público difere da função docente como criador de condições para a aprendizagem de seus alunos (Rego, 2003).

No caso da Galeria Lado B, a mediação é realizada tanto pelo docente quanto pelas bolsistas do projeto, selecionadas entre estudantes do Ensino Médio Integrado. Assim, existem duas direções de trabalho: a mediação direta e dinâmica para diferentes grupos e a função curatorial a cada nova exposição. Quando falamos em mediação, referimo-nos ao papel de aproximar o público da obra, considerando temporalidade, especificidades da exposição, narrativas da produção, contextualização das memórias e do autor da obra. Um desafio constante é organizar a mediação de forma que valorize integralmente as características da obra, o processo artístico, o pensamento do artista e a comunicação adequada aos diferentes públicos. Muito se faz por meio da expertise docente, do conhecimento artístico adquirido em pesquisas prévias e de estratégias intuitivas.

A função curatorial da Galeria Lado B representa outro desafio. Compreender a necessidade de efetivar a curadoria foi um processo gradual, discretamente iniciado na primeira exposição e consolidado a partir da quarta. Historicamente, funções curatoriais incluem guarda de bens, organização de espetáculos ou colecionismo artístico. Desde o século XVI, o papel de colecionadores e galeristas evoluiu, e hoje a curadoria contemporânea assume múltiplas dimensões, variando conforme o espaço cultural. Segundo Rupp (2010, p. 77):

Uma curadoria é formada por quatro aspectos fundamentais: qual será o seu conceito crítico; quais serão os critérios para definir o conceito; qual ou quais serão os artistas convidados e quais serão suas obras; e onde e como será feita a exposição, que definirá os aspectos da museografia.

No início da implementação, esses elementos ainda não estavam claros na Galeria Lado B. Existem estudos sobre curadorias profissionais em museus e galerias e sobre curadoria educativa em instituições de ensino. Para Vergara (1996), a curadoria educativa promove experiências

estéticas, sentidos de fruição e formação de leitores de signos, incluindo educadores em arte na educação básica.

É através das práticas curatoriais que temos a possibilidade da experiência como ação cultural e do desenvolvimento de estratégias tanto de mediação como nas relações de ensino e aprendizagem ocorridas dentro do espaço expositivo. A curadoria, que acontece na galeria, é sobre a organização geral, desde a pesquisa sobre artistas, contextos sobre o processo artístico, conceitos, discursos simbólicos, informações midiáticas, camadas de subjetividade sobre cada escolha e alternativas para conceber as exposições como a logística necessária para receber as obras e devolvê-las, o cuidado de manipulação e conservação das obras, assim como a manutenção diária do espaço físico da galeria. Vincula-se a isso as diversas percepções da existência da arte, tendo as exposições como meio estratégico de formação artística para o público visitante.

Mas afinal, o que é ser curador? Como já vimos em algumas referências, o curador é aquele que organiza, contextualiza, cuida e apresenta o artista e sua obra. No entanto, existem diferentes concepções sobre a função curatorial, que podem ser exploradas como possibilidades de diálogo e debate. Entre essas concepções, destaca-se a de Suely Rolnik (2017), que define distintos papéis curatoriais, considerando os aspectos sociais inseridos nas micropolíticas contemporâneas e seu impacto na organização de uma exposição. Rolnik (2017, p. 68) descreve o papel do curador de forma ficcional, problematizando:

[...] “curador-que-cria” a figura situada no polo ativo e de “curador-criativo”, a que se situa no polo reativo. Tais figuras não existem na realidade em estado puro; assim como nenhuma micropolítica é estável e exclusiva ao longo de uma existência, tampouco poderia ser estável na atividade curatorial. Elas personificam vetores de força em jogo nas práticas de curadoria.

Para a autora, o curador-que-cria envolve-se sutil, mas intensamente, com o ambiente, as experiências poéticas e artísticas, o tempo vivido e o projeto de forma subjetiva e desejante. Já o curador-criativo submete-se a hierarquizações sociais e às possibilidades de ascensão dentro do capital cultural e social.

Na contemporaneidade, o papel curatorial pode seguir diferentes trajetórias, sobretudo em relação ao lugar que ocupa e às interações sociais que envolve. No contexto educacional, Sampaio da Silva et al. (2023, p. 5) afirmam que ser curador:

[...] é estar se colocando numa posição de autoria e criação, é estar diante dos objetos para produção curatorial antevendo possíveis relações de ensino de experiências na mediação educativa ou cultural, sendo consciente que sua ação é colaborativa, pois não se finda em si, ela é etapa de um processo.

No ensino da arte, essa ação colaborativa se aproxima da mediação do conhecimento em sala de aula, embora com diferenças significativas: o curador trabalha diretamente com o objeto artístico, que se torna, de certa forma, objeto do desejo pedagógico: a possibilidade de levar a arte de maneira presencial a estudantes, professores e à comunidade em geral.

Essa experiência da Galeria Lado B dialoga com os debates contemporâneos sobre curadoria educativa, que defendem a inserção de práticas curatoriais como extensão da educação artística (Rolnik, 2017; Sampaio da Silva et al., 2023). Além disso, evidencia questões apontadas em arte-educação e políticas culturais, especialmente a importância de espaços alternativos para a democratização do acesso às artes, a formação de públicos e o estímulo à criatividade e à reflexão crítica (Saviani, 2009). Ao conectar teoria e prática, a galeria se apresenta como um laboratório de mediação artística e cultural, capaz de tensionar as limitações institucionais e propor novos modos de fruição e aprendizagem.

Ao longo das exposições, observamos diversos desafios relacionados à divulgação e à percepção do público sobre a importância de visitar a galeria. Por se tratar de uma instituição pública, a divulgação em meios jornalísticos locais exige habilidade em estabelecer diálogos e parcerias gratuitas. Durante o primeiro ano de atividades, foram realizadas entrevistas em duas emissoras de rádio locais, sendo que duas aberturas foram acompanhadas por jornalistas de uma delas. As entrevistas não foram remuneradas e, na maioria dos casos, ocorreram em horários de baixa audiência. Apenas uma delas pôde ser acompanhada, pois as demais coincidiam com horário de trabalho docente.

Outro desafio significativo foi o transporte dos alunos. A instituição não dispõe de recursos para custear transporte regular, dificultando o acesso da comunidade externa à galeria e demais projetos do campus. No primeiro ano, o transporte foi disponibilizado apenas três vezes, em dias alternados, conciliando com outros projetos, por meio de parceria entre gestão e docentes pesquisadores. As demais visitas foram organizadas pelos próprios grupos, representando um obstáculo relevante. Por exemplo, os grupos do Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) compareceram apenas às duas primeiras exposições, já que o poder público municipal cortou a verba destinada ao transporte. Outras escolas estabeleceram parcerias para viabilizar visitas, e algumas, vizinhas ao campus, compareceram a pé.

As visitas dos alunos da instituição ocorreram durante as aulas da unidade curricular de Artes Visuais, mediadas pelo docente. Algumas turmas visitaram duas ou três exposições por semestre; outras, apenas motivadas por iniciativa própria, já que nem todos os professores solicitaram ou organizaram visitas. Relatos indicam que, quando a docente não acompanhava os alunos, o corredor da galeria era usado apenas como passagem, mesmo com exposições em destaque. Essa observação também evidencia limites estruturais e culturais: não basta disponibilizar o espaço, pois a ausência de políticas institucionais de incentivo à partici-

pação, a sobrecarga docente e a desvalorização da arte na grade curricular reforçam desigualdades de acesso e engajamento. A noção de hábito cultural não pode ser entendida apenas como iniciativa individual; ela é moldada por redes de apoio, recursos e incentivos, que muitas vezes são insuficientes ou inexistentes, comprometendo o potencial educativo da galeria.

Outro ponto relevante é que muitos servidores da instituição, atualmente totalizando 91 trabalhadores em educação, visitaram a galeria pela primeira vez apenas na terceira ou quinta exposição, embora utilizem diariamente a escadaria de acesso. Alguns nunca visitaram o espaço. Isso evidencia um grande desafio: criar o hábito de frequentar a galeria entre alunos, servidores e comunidade. Afinal, quem sai de casa para visitar uma galeria? Qual a importância disso no ambiente de trabalho? Sendo uma galeria alternativa em um município pequeno e distante de grandes centros culturais, como criar uma dinâmica de visitação? A população do entorno do campus, da cidade e da região participa de atividades culturais e artísticas? De que maneira? Que tipos de atividades? Qual é a compreensão local sobre artes plásticas e visuais? Questões como essas sugerem a necessidade de pesquisas futuras qualificadas.

O trabalho pedagógico relacionado às exposições se torna ainda mais significativo quando refletimos sobre a realidade dos professores de artes da região. É necessário considerar questões laborais, de formação e do cotidiano docente. A maioria desses professores não possui o hábito de visitar exposições de arte, primeiramente por não existir, até então, um espaço dedicado às artes visuais na região. Além disso, a ideia de viajar com alunos para contemplar exposições parece ideal, mas mostra-se pouco prática diante dos custos envolvidos e das responsabilidades relacionadas ao acompanhamento de estudantes da educação básica.

É evidente a ausência de políticas públicas que favoreçam atividades e ações didáticas voltadas ao desenvolvimento integral dos alunos, dificultando até mesmo a realização de algo aparentemente simples, como

uma visita a uma exposição artística no próprio município. Essa realidade aponta também para a necessidade de repensar a formação docente e as prioridades das redes de ensino, evidenciando que a presença de um espaço expositivo por si só não garante impacto educativo. Sem políticas culturais integradas à educação, a função pedagógica da galeria pode permanecer limitada, e a curadoria educativa corre o risco de ser apenas simbólica, restrita a quem já tem acesso e interesse prévio. Os professores encontram-se vulneráveis às decisões da gestão escolar, das redes de ensino e à disponibilidade de recursos destinados à educação. No que tange à formação docente e às questões que extrapolam o cotidiano pedagógico, o problema reside tanto nas oportunidades individuais e coletivas quanto nas estruturas organizacionais dos sistemas de ensino e formação pedagógica ao longo dos anos no país (Saviani, 2009).

Para que as oportunidades oferecidas pela Galeria Lado B sejam plenamente aproveitadas, um grande desafio é integrar os professores de artes às exposições e explorar as possibilidades educativas que elas oferecem, contribuindo tanto para o desenvolvimento da aprendizagem dos alunos quanto para a formação contínua dos docentes. Observa-se que, na região, o público tende a conhecer sempre as mesmas manifestações artísticas: a mesma banda, a mesma escola de dança, a mesma escolinha de desenho e pintura. Os professores fazem parte desse ciclo, e a busca por experiências diferentes e inovadoras não é viável para aqueles que enfrentam dificuldades de acesso à formação continuada e que recebem pouco ou nenhum incentivo institucional.

Vale destacar que a aprendizagem da arte por meio de visitas a exposições proporciona uma oportunidade prática de reflexão sobre o trabalho artístico, promovendo habilidades, expressão individual, compreensão do mundo e possibilidades de transformação da realidade. Esses elementos são essenciais para o desenvolvimento cognitivo dos alunos.

A prática artística observada na galeria deixa de ser percebida apenas como entretenimento e passa a ser compreendida como um processo complexo, fruto de esforço, dedicação e trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Galeria Lado B surgiu entre o tempo burocrático e o tempo de concepção, permeada por certezas e dúvidas que ainda persistem. A proposta de exposições rotativas e permanentes em uma galeria alternativa, localizada longe de grandes centros e desprovida de um movimento expositivo contínuo, revelou-se um desafio constante. As atividades indispensáveis ao funcionamento da galeria, entendidas como atividades laborais curatoriais — como o convite aos artistas, a seleção, o arranjo do espaço, o transporte das obras, a montagem expositiva, a preparação da equipe entre parceiros e bolsistas — precedem cada exposição e geram um frisson único, marcado pela combinação de certeza e comoção ao ver algo novo materializado.

Após a abertura de cada exposição, seguem as atividades destinadas ao público: convites incessantes, divulgação em mídias locais e redes sociais, visitas mediadas conforme disponibilidade de agenda, desafios logísticos para acomodar grandes grupos e o planejamento de ações educativas, tudo reinventado a cada mostra.

A novidade e a incerteza são forças motrizes que permeiam todas as ações da galeria. Durante as visitas mediadas, diferentes leituras de mundo emergem e contribuem para a construção de sentido acerca das questões que uma obra de arte pode suscitar. Os diálogos com grupos ou conversas prolongadas com visitantes individuais estimulam um olhar sensível e crítico sobre contextos diversos. Muitas vezes, é visível a emoção que transborda nas pessoas que contemplam as exposições.

A partir dessas reflexões, diversos grupos se inspiram a participar das ações educativas: exercícios de experimentação criativa que permitem

imaginar e criar possibilidades. São momentos de exploração cujos resultados não podem ser previstos, e, mais uma vez, a incerteza se mostra presente. Contudo, a beleza reside justamente no percurso, no processo inerente a cada etapa das ações desenvolvidas na galeria.

A prática docente foi transformada dentro e fora da sala de aula, especialmente pelo tempo dedicado à galeria para planejar exposições, conduzir visitas e promover ações educativas — experiências antes restritas a museus e bienais. Essa função se expande continuamente, renovando-se e tornando-se desafiadora a cada nova exposição.

Ao retomar o problema inicial, percebe-se que a ausência de hábitos de visitação cultural e de políticas de incentivo às artes visuais na região constitui um obstáculo persistente. As exposições da Galeria Lado B evidenciam não apenas a necessidade de acesso às artes, mas também as implicações educativas e sociais desse acesso, promovendo experiências formativas para alunos, professores e comunidade.

Esses resultados sugerem algumas implicações importantes: a mediação educativa em espaços de arte pode ampliar a percepção crítica, estimular a criatividade e fortalecer o vínculo entre a comunidade e a produção artística local. Contudo, a consolidação desses efeitos depende de estratégias contínuas de incentivo, divulgação e formação docente, bem como da superação de desafios estruturais, como transporte, recursos e engajamento institucional.

Para investigações futuras, seria relevante aprofundar estudos sobre os hábitos culturais de professores e alunos da região, analisar o impacto das exposições na aprendizagem e na formação docente, e explorar formas de tornar a galeria um espaço sustentável de produção e fruição artística, ampliando sua influência para além do campus e da cidade.

Neste momento de reflexão, estudo e escrita, a Galeria Lado B prossegue com suas exposições e segue adiante no ano de 2025. Os desafios aqui relatados permanecem e continuarão a ser enfrentados e resolvidos à medida que surgirem. Todo o esforço envolvido contribui para um acú-

mulo de conhecimento individual e coletivo. No entanto, é preciso reconhecer que essa experiência também revela fragilidades estruturais e contextuais: o isolamento geográfico, a ausência de políticas culturais contínuas e a precariedade de recursos podem limitar a eficácia das práticas curatoriais e educativas. A galeria cumpre um papel importante, mas ainda depende de articulações externas e de políticas de suporte para que seu impacto seja sustentável e alcance verdadeiramente a comunidade escolar e regional. É a possibilidade de oferecer acesso às artes plásticas e visuais que impulsionam e dão sentido a todo o projeto.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, A. M. **Tópicos Utópicos**. Belo Horizonte: C/Arte, 1998.

BARBOSA, A. M. **Arte-educação no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2012.

COSTA, F. C. B. **O olho que se faz olhar: espaço estético no contexto escolar**. Florianópolis: Núcleo de Publicações, 2013.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec-Abrasco, 2001.

REGO, T. C. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação**. Petrópolis: Vozes, 2003.

ROLNIK, S. Saber-do-corpo nas práticas curatoriais: driblando o inconsciente colonial-capitalístico. In: ALBUQUERQUE, Fernanda; MOTTA, Gabriela (org.). **Curadoria em artes visuais: um panorama histórico e prospectivo**. São Paulo: Santander Cultural, 2017. p. 47-76.

RUPP, B. **Curadorias na arte contemporânea: considerações sobre precursores, conceitos críticos e campo da arte**. 2010. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

SAMPAIO DA SILVA, L.; BERKENBROCK-ROSITO, M. M.; OLIVEIRA, K. M. D.; CANDELÁRIA, J. C. Experiência Estética: curadoria educativa para educadores de arte na educação básica. **Revista Educação e Fronteiras**, Dourados, v. 13, n. 00, e023015, 2023. e-ISSN: 2237-258X. DOI: <https://doi.org/10.30612/eduf.v13i00.17727>. Disponível em < <https://ojs.ufgd.edu.br/educacao/article/view/17727> > Acesso em: 22 mar. 2025.

SAVIANI, D. Formação de professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro. **Revista Brasileira de Educação**, v. 14, n. 40, abr. 2009. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782009000100012>. Disponível em < <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/45rkkPghMMjMv3DBX3mTBHm/?format=pdf&lang=pt> > Acesso em: 25 mar. 2025.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2014.

VERGARA, L. G. Curadorias educativas / a consciência do olhar: percepção imaginativa: perspectiva fenomenológica aplicadas à experiência estética. In: **Encontro Nacional da ANPAP**, 8., 1996. Anais... São Paulo: ANPAP; ECA; USP, 1996. Disponível em: <<https://pdfcoffee.com/luiz-guilherme-vergara-vergara-luiz-guilherme-curadorias-educativas-a-consciencia-do-olhar-percepao-imaginativa-pdf-free.html>> Acesso em: 21 mar. 2025.

Data de submissão: 05/07/2025

Data de aceite: 13/09/2025

Data de publicação: 11/11/2025